

"Eu sou Adolf Hitler": As surpreendentes confissões de um homem na Argentina.



Na remota província de Salta, um homem que se apresentava sob o nome de Herman Guntherberg afirmou perante testemunhas ser o ditador que o mundo inteiro acreditava morto desde 1945. Demência senil, impostura calculada — ou um fragmento de uma verdade que a História oficial prefere manter enterrada?

Há confissões que rasgam o véu da realidade. Num bairro periférico de Salta, cidade de fachadas desbotadas perdida no noroeste da Argentina, um ancião acamado teria proferido palavras que os seus próximos não souberam como receber: «*Sou Adolf Hitler. Vivi escondido durante setenta anos. E agora quero que o mundo saiba.*» O homem figura oficialmente como Herman Guntherberg — ou pelo menos, é essa a identidade sob a qual é conhecido desde a sua chegada à Argentina em 1945.

O caso, revelado pelo ultraconservador jornal local *El Patriota* e amplificado pelo sítio web *World News Daily Report*, provocou de imediato um sismo mediático em 2017, antes de ser dissecado por verificadores de factos de todo o mundo. Pouco importa: ressurgiu com perturbadora vitalidade em 2026, impulsionado pelas redes sociais e alimentado, paradoxalmente, pela desclassificação parcial de documentos da CIA ordenada por Donald Trump.

Um passaporte falsificado pela Gestapo, uma nova vida sob os Andes

Segundo as declarações recolhidas pelo *El Patriota*, Guntherberg afirma ter chegado à Argentina no verão de 1945 com um passaporte falso fabricado pelos serviços secretos nazis no final da guerra. O documento identificava-o sob uma identidade germânica corrente, suficiente para se fundir nas comunidades de imigrantes europeus que então desembarcavam aos milhares nas margens do Rio da Prata. A estratégia, nas suas grandes linhas, não carece de precedentes: criminosos de guerra notórios como Adolf Eichmann ou Josef Mengele seguiram rotas notavelmente semelhantes, sob a proteção de redes religiosas e circuitos de evasão hoje bem documentados — as tristemente célebres *ratlines*.

Arquivos — Dossiês CIA / Documentos JFK

Em 2017, a CIA tornou públicos microfilmes com relatórios sobre o testemunho de um tal Philip Citroën, soldado holandês que afirmou ter encontrado Adolf Hitler na Colômbia por volta de 1954. Segundo esta testemunha, o ditador teria posteriormente partido para a Argentina em janeiro de 1955. O chefe da Divisão do Hemisfério Ocidental da CIA recomendava já em 1955 o abandono das investigações, considerando as «possibilidades de estabelecer algo concreto» demasiado remotas.

Estes documentos, ressurgidos durante uma nova vaga de desclassificação em 2025, reacenderam o debate — sem fornecer a mínima prova formal.

A esposa testemunha: demência ou memória maldita?

Nos corredores da casa familiar, Angela Martinez, esposa de Guntherberg há cinquenta e cinco anos, fala com a resignação de quem esgotou as suas certezas. O marido, diz ela, nunca mencionou Hitler, os nazis ou a guerra antes de 2015 — o ano em que surgiram os primeiros sinais de deterioração cognitiva. «*Esquecia quem eu era. Entrava numa espécie de transe e começava a falar de judeus e demónios. Depois voltava a si, como se nada tivesse acontecido*», recorda. Para Angela Martinez, a verdade é médica: demência avançada, confusão de identidade, absorção inconsciente de relatos lidos ou ouvidos.

«Fui retratado como um monstro unicamente porque perdemos a guerra. Quando as pessoas lerem a minha versão dos factos, a forma como me percebem vai mudar.»

— Herman Guntherberg, segundo *El Patriota* (2017)

Mas outras vozes, menos precipitadas em chegar a conclusões clínicas, interrogam-se com maior insistência. Como poderia um homem afetado por demência construir um relato tão internamente coerente — passaporte falsificado, itinerário preciso, motivações fundamentadas? A coincidência temporal também inquieta: foi precisamente em 2016 que os serviços de inteligência israelitas teriam abandonado oficialmente a sua política de perseguição de criminosos de guerra nazis. Diz-se que Guntherberg o citou explicitamente como razão para finalmente falar.

A Argentina, terra prometida das sombras nazis

Para compreender por que razão semelhante história pode nascer e prosperar, é preciso olhar a Argentina nos olhos do pós-guerra. Sob a presidência de Juan Perón — cujas simpatias ideológicas com os regimes fascistas europeus foram assinaladas por numerosos historiadores — o país tornou-se refúgio de dezenas, talvez centenas, de antigos oficiais das SS e colaboradores que procuravam desaparecer. Redes organizadas, por vezes com a cumplicidade tácita de autoridades eclesiásticas, facilitavam a obtenção de documentação falsa e a passagem para a América do Sul.

Abel Basti, jornalista argentino e autor do livro *Hitler no Exílio*, vai ainda mais longe. Numa edição revista publicada em julho de 2016, sustenta que Hitler viveu na Argentina durante uma década, antes de se refugiar no Paraguai sob a proteção do ditador Alfredo Stroessner — ele próprio de ascendência alemã. Segundo Basti, o Führer morreu a 3 de fevereiro de 1971 em território paraguaio. Uma tese que a comunidade académica acolhe com um ceticismo amável mas firme.

A ciência contra o mito: o que dizem os ossos

Face à proliferação destes relatos alternativos, os historiadores há muito que resolveram a questão, provas em mãos. Adolf Hitler suicidou-se a 30 de abril de 1945 no seu bunker berlinense, rodeado por um círculo restrito de leais. O seu corpo foi parcialmente queimado por ordem sua antes de ser levado pelo exército soviético — o que durante muito tempo alimentou a dúvida no Ocidente.

Nota de verificação

Em 2018, uma equipa de investigadores franceses analisou fragmentos dentários conservados em Moscovo, concluindo que existiam «provas suficientes para confirmar a identificação definitiva dos restos mortais de Adolf Hitler». O historiador Richard J. Evans, consultado pela AFP, é categórico: «Apenas testemunhos diretos confirmados de testemunhas oculares poderiam provar que Hitler foi visto na Argentina, e não existe nenhum.»

Quanto à fonte original do caso Guntherberg — o *World News Daily Report* —, o próprio sítio exhibe, na sua página inicial, este aviso inequívoco: «*Todas as personagens que aparecem nos artigos deste sítio web — mesmo as baseadas em pessoas reais — são inteiramente fictícias.*» Mais comprometedor ainda: a fotografia do ancião supostamente identificado como Hitler é na verdade a de Francis Morris, um centenário britânico de Huddersfield, que ganhou notoriedade em 2014 por ser um dos condutores mais idosos do Reino Unido.

Por que razão estes fantasmas nunca morrem

Então por que razão semelhante história continua a circular, a ressurgir, a fascinar? Psicólogos e historiadores das crenças são unânimes a este respeito: a morte de Hitler no seu bunker, banal na sua sordidez, decepciona profundamente o instinto humano de justiça. Um homem responsável por um genocídio sem precedentes não pode ter *simplesmente* disparado sobre si próprio e desaparecido. Tem de ser caçado, julgado, humilhado. A sua sobrevivência imaginária compensa a ausência de julgamento — uma catarse impossível transformada em mito persistente.

A isto acresce uma realidade histórica inegável: os nazis *fugiram* de facto para a América do Sul. Eichmann foi capturado em Buenos Aires em 1960. Mengele morreu no Brasil em 1979 sem jamais ter sido levado perante a justiça. Este substrato factual alimenta a especulação: se eles conseguiram esconder-se, por que não ele?

A morte miserável de Hitler num bunker enfumaçado não satisfaz a nossa sede de justiça. O mito da sua fuga é uma vingança imaginária que a História nos recusa.

— *Análise das teorias conspirativas sobre a sobrevivência nazi*

Epílogo: o ancião de Salta e as suas sombras

Herman Guntherberg — seja qual for o seu verdadeiro nome — faleceu muito provavelmente no momento em que lê estas linhas, levado pela idade ou pela doença, sem que as suas declarações tenham alguma vez podido ser verificadas. Nem os testes de ADN que poderiam ter resolvido a questão, nem a autobiografia que prometeu publicar em setembro de 2017, chegaram a concretizar-se. Permanece como uma silhueta numa cadeira, em Salta, à sombra dos Andes — real ou inventada, carne ou ficção — e as palavras que lhe são atribuídas flutuam algures entre o delírio de um moribundo e a persistência obstinada de uma História que se recusa a encerrar-se com limpeza.

Pois talvez seja aí que reside o verdadeiro mistério, mais inquietante do que todos os passaportes falsificados e todas as redes de evasão: não que Hitler pudesse ter sobrevivido, mas que precisemos tão desesperadamente de o acreditar.

História - 8 juin 2026 - Wakonda - CC BY 2.5